

O CÊNTUPLO É SEMPRE MAIS

Trechos do testemunho de **Davide Prosperi**, vice-presidente da Fraternidade de CL, no Tríduo dos colegiais, realizados em Rímíni (Itália), de 2 a 4 de abril de 2015

Participei da Via Sacra de vocês, ou melhor, da nossa Via Sacra, depois de vinte e cinco anos, pois na última vez eu era ainda colegial. Fiquei impressionado – como penso que a maior parte de vocês, espero que todos – pela beleza do gesto. E justo por causa disso se despertou imediatamente uma grande pergunta: o que é essa beleza diante das contradições do mundo? (...) Cristo continua a ser crucificado hoje, em mim e no mundo. Pensava nos mártires do Quênia, aqueles cristãos que há poucos dias foram massacrados em nome da fé. E então o que quer dizer essa beleza, como ela pode carregar consigo toda essa contradição de mal e de incompreensão? Devo dizer que fomos muito ajudados pelo gesto. Quem o viveu a fundo pôde identificar-se com o que acontecia. Identificar-se quer dizer sentir aquilo que sentia quem estava ali, a partir de Jesus. Em um certo momento, perguntei-me: por que Jesus, que tinha poder sobre toda a realidade, um homem que era capaz de devolver a visão ao cego, de pôr de pé um aleijado, de ressuscitar um morto de quatro dias, aceitou morrer?

Não há nada mais incompreensível do que isto para nós, conforme estamos habituados a raciocinar. Para nós, que encontramos a máxima satisfação em poder realizar o nosso destino, em encontrar gosto na realização do que esperamos, tudo isso não tem a ver, e, no entanto, o Filho de Deus aceitou exatamente isso. Obedeceu, ou seja, participou da única modalidade com que também nós podemos viver para cumprir o nosso destino, como Ele o seu. Se tivesse feito algo de diferente daquilo que poderíamos viver hoje, que identificação poderia existir para mim hoje? Aceitou aquilo que para nós é impotência, porque no mundo de que nós somos filhos, no nosso modo de pensar, a impotência é sinônimo de infecundidade, ou seja, de incapacidade de gerar um bem, é um sentir-se incapaz diante das coisas. Mas ontem vivemos o oposto disso, ou seja, que a impotência pode tornar-se origem, gênese de uma fecundidade nova. Nas estações da Via Sacra ouvíamos o *Stabat Mater*, que descreve o que fazia Maria diante do Filho na cruz; e o ouvimos porque, se queremos entender, tentar entender o que estava acontecendo aquele dia, devemos olhar aquela mulher, a Mãe, a única que entendia. Maria estava ali, “estava ali a mãe cheia de dor”, ou seja, participava, fazia companhia ao seu Filho. Que mais podia fazer? Por que Maria não subiu à cruz e não o tirou, por que não se pôs a gritar contra os carneiros romanos? Porque era a única que entendia que daquele modo se estava cumprido o destino do seu Filho, e através d’Ele, o destino do mundo.

Eu quero aprender a olhar assim. Quero aprender a ver as coisas como ela as via, as coisas que temos tanta dificuldade em ver porque para nós a realidade é só aparência, tantas vezes. Por isso somos tão assaltados pela dúvida, como se dizia. Porque eu – quero contar-lhes um primeiro episódio da minha infância – estava não sei se cheio de dúvidas, mas certamente cheio de inseguranças, porque perdi meu pai quando tinha seis anos; e sem o pai uma pessoa se dá conta da ausência de uma presença que lhe introduz na realidade. (...) Mas devo contar a vocês o que aconteceu antes da morte do meu pai.

O meu avô tinha tido outro filho, que morreu ainda criança de meningite; a sua mulher não podia ter mais filhos e vendo o marido sofrer tanto, fez uma promessa, que estaria disposta a dar a vida se pudesse ter outro filho. Depois de alguns anos engravidou novamente, mas logo os médicos disseram que ela devia interromper imediatamente a gravidez porque a criança não poderia nascer e, além disso, ela estava em risco de vida. Mas ela tinha dito que estava disposta a dar a vida, porque estava certa de que essa gravidez lhe tinha sido dada por Deus. Assim, levou a gravidez à diante. E nasceu o meu pai, mas a minha avó morreu no parto. O meu pai morreu com trinta e três anos, num acidente. Eu lembro-me que quando éramos pequenos, eu e o meu irmão íamos à casa dos nossos avós durante as festas e aos oito, dez anos – com a compreensão que uma criança daquela idade podia ter –, olhávamos para nosso avô e nos perguntávamos: o que faz com que um homem, a quem a vida tirou tudo, seja ainda certo de que a vida não é um engano? Porque é isso que tínhamos diante dos olhos: certamente um homem sofrido, mas não vencido, um homem de fé.

Esta pergunta, que de um certo ponto de vista eu sentia tão contraditória com as inseguranças que vivia, nunca me deixou tranquilo: é possível viver assim diante de tudo, sem que seja uma ilusão, sem que seja uma mentira? Saltando tudo o que aconteceu, entretanto, queria falar o que representou para mim a resposta verdadeira a todo esse drama que vivi por muitos anos, e que contudo ainda vivo, porque a vida, se não é dúvida, é problema. Como diz a Escola de Comunidade: a alternativa à dúvida não é a segurança; a alternativa à dúvida é o problema. Quer dizer que a vida coloca problemas, porque não é que tudo já esteja resolvido, e isso nos põe em movimento. A grandeza de um homem se vê pelo fato de que não se rende, e não pelo fato de que sabe responder de imediato a tudo. Por isso, fazendo um salto de anos, chego ao meu verdadeiro grande encontro, que aconteceu em 1994, durante os Exercícios Espirituais, na época em que eu cursava a universidade. O título – que parecia feito para mim – era “Reconhecer Cristo”. Isso me interessava: como se faz para reconhecer que aquilo que o meu coração espera é mesmo Ele? Dom Giussani – de fato era a primeira vez que o via assim de perto –, começou a falar citando uma frase de Kafka: “Existe um ponto de chegada, mas nenhum caminho”, existe a meta, mas não existe a via para alcançá-la. Este era o meu problema. Eu entendia, sentia que queria viver por algo grande, desejava que a minha vida não fosse desperdiçada, não fosse definida só pelo tempo que passa e a devora pouco e pouco, mas que fosse vivida por um ideal. Mas esse ideal onde está? Esta, para mim, era “a” questão.

Para responder a essa pergunta é preciso começar a fazer experiência do fato que este ideal tem a ver com a sua vida, com as coisas que vive, com as coisas que sente, com os problemas que tem. (...) O ideal deve ter a ver com tudo isso, senão que ideal é? Seria inalcançável, ou seja, “não existe o caminho”.

Para responder a essa pergunta, Dom Giussani começou a contar sobre João e André, os dois primeiros que encontraram Jesus. Ainda me vêm arrepios em relembrar isso, porque enquanto ele falava eu revivia aquele episódio como se estivesse estado lá. Entendia-se que para ele era como ter estado lá, ao lado daqueles dois, e aos poucos nascia em mim a pergunta: como ele consegue? Como ele pode dizer estas coisas? Contava até aquilo que tinha dito André quando, tendo voltado para casa, encontrou a mulher que o viu diferente. Podem ver isso no vídeo que foi publicado com o jornal *Corriere della Sera* pelos dez anos da morte de Dom Giussani. Como podia dizer aquelas coisas? Porque, evidentemente, para ele esta era uma experiência presente, ele vivia agora aquilo que tinha acontecido naquela época. Lembro-me que, enquanto o ouvia falar, aos poucos crescia em mim o desejo de poder viver – que talvez também para mim, tão inseguro, tão incapaz, teria sido possível viver – aquilo que ele vivia.

Para começar a entender como isso ainda é vivo, que esta experiência é experiência agora, em determinado momento leu uma carta que, desde então, eu tenho sempre na minha pasta, ainda que seja de vinte anos atrás; de fato as coisas importantes – entre as suas perguntas havia também esta: como se faz para não perder tudo amanhã? Bem, gente, é preciso fazer memória! – não se podem jogar fora, porque quando uma pessoa se esquece delas pode tornar a rever aquilo que o conquistou, e assim se dá conta que aquilo que o conquistou ainda está presente. Se me conquistou, está sempre comigo. Dom Giussani leu então, entre vários testemunhos, a carta de um rapaz doente de Aids que tinha morrido dois dias depois de ter escrito a carta. (...) Este rapaz escreveu que depois de alguns anos tinha encontrado um antigo colega de escola – que agora está nos *Memores Domini* –, e destinou a carta a Dom Giussani, que nunca tinha encontrado.

“Caro padre Giussani, escrevo-lhe chamando-o 'caro', ainda que não o conheça, nunca o tenha visto, nem nunca o tenha ouvido falar. Ou melhor, para dizer a verdade posso dizer que o conheço enquanto, se entendi alguma coisa de *O senso religioso* e daquilo que me diz Ziba [o seu amigo], conheço-o por fé e, acrescento eu, agora graças à fé. Escrevo-lhe somente para dizer-lhe obrigado; obrigado pelo fato de ter dado um sentido a esta minha vida árida. Sou um antigo colega de colegial de Ziba, com quem sempre tive uma relação de amizade, pois, mesmo não compartilhando da sua posição, sempre me tocou a sua humanidade e a sua disponibilidade não interesseira [que é o único modo como podemos gritar a um outro e a todo o mundo: "Cristo é verdadeiro"]. Penso ter chegado ao fim da linha desta vida atribulada levado por aquele trem que se chama Aids e que não dá trégua a ninguém. Agora dizer isto não me dá mais medo. Ziba me dizia sempre que o importante na vida é ter um interesse verdadeiro e segui-lo. Este interesse eu persegui muitas vezes, mas nunca era o

verdadeiro. Agora vi o interesse verdadeiro, encontrei-o e começo a conhecê-lo e a chamá-lo pelo nome: chama-se Cristo. Não sei nem o que quer dizer e como posso dizer estas coisas, mas quando vejo o rosto do meu amigo ou leio *O senso religioso*, que está me acompanhando, e penso no senhor ou nas coisas que Ziba me conta do senhor, tudo me parece mais claro, tudo, até o meu mal e a minha dor. A minha vida, que já se tornou monótona e estéril, que se tornou uma espécie de pedra lisa onde tudo escorre como a água, tem um sobressalto de sentido e significado que varre os pensamentos ruins e as dores, aliás, abraça-os e os torna verdadeiros tornando o meu corpo cheio de larvas e apodrecido sinal da Sua presença. Obrigado, padre Giussani, obrigado porque me comunicou esta fé ou, como o senhor o chama, este acontecimento. Agora me sinto em paz, livre e em paz. Quando Ziba rezava o *Angelus* na minha frente, eu blasfemava na sua cara, odiava-o e lhe dizia que era um covarde, porque a única coisa que sabia fazer era dizer aquelas rápidas orações na minha frente. Agora, quando balbuciando tento rezar o *Angelus* com ele, compreendo que o covarde era eu, porque não via nem a um palmo do meu nariz a verdade que estava na minha frente. Obrigado, padre Giussani, é a única coisa que um homem como eu pode lhe dizer. Obrigado, porque, em lágrimas, posso dizer que morrer assim agora tem um sentido, não porque seja mais bonito – tenho um grande medo de morrer –, mas porque agora sei que há alguém que me quer bem e que talvez até eu possa me salvar e que eu também posso rezar para que os colegas de quarto encontrem e vejam como eu vi e encontrei. Assim me sinto útil, pense, somente usando a voz me sinto útil; com a única coisa que ainda consigo usar bem eu posso ser útil; eu, que joguei fora a vida, posso fazer o bem somente rezando o *Angelus*. É impressionante, mas ainda que fosse uma ilusão esta coisa é demasiado humana e razoável, como o senhor diz em *O senso religioso*, para não ser verdadeira. Ziba colou sobre a minha cama a frase de Santo Tomás: ‘A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação’. Penso que a minha maior satisfação seja a de tê-lo conhecido [eu nunca o vi!], escrevendo-lhe esta carta, mas a satisfação ainda maior é que na misericórdia de Deus, se Ele quiser, conhecerei o senhor lá onde tudo será novo, bom e verdadeiro. Novo, bom e verdadeiro como a amizade que o senhor introduziu na vida de muitas pessoas e da qual posso dizer ‘eu também estava lá’, eu também nesta vida suja vi e participei deste acontecimento novo, bom e verdadeiro. Reze por mim; eu continuarei a sentir-me útil durante o tempo que me resta rezando pelo senhor e pelo Movimento. Um abraço. Andrea”.

O encontro verdadeiro (não quando dizemos por dizer: “Sim, fiz um encontro...”) é sempre – sempre! – o reconhecimento definitivo de uma presença na vida. Definitivo: pode ir embora, pode tentar arrancá-lo de cima de você, mas tem-no em você para sempre. O encontro verdadeiro é este: define a vida, que então é dada, assume um novo significado como dada para conhecer mais, para conhecer sempre mais aquilo que se encontrou, para aprofundar este conhecimento que é um conhecimento, como dizia sempre Dom Giussani, afetivo; é um apego o modo através do qual cresce este conhecimento, não é um raciocínio, não é que nos esforçamos para explicar-nos as coisas com uma conversa, como se devêssemos entender tudo antes de nos mover-nos; não, é um apego, é um seguir. Como aconteceu àquele rapaz doente de Aids. O encontro lhe toma onde estiver, e você deve decidir se leva a sua vida atrás daquilo verdadeiro que encontrou.

Naquele momento eu entendi – entendi imediatamente – que para conhecer aquele Cristo de que se podia falar assim, de que Dom Giussani falava assim e de que este rapaz na condição em que estava falava assim, devia procurar agarrar-me, seguir, conhecer quem me testemunhava isso. E então entendia que devia conhecer aquele homem. E insisti, insisti, até que fui capaz de encontrá-lo pessoalmente. Começou assim uma amizade, que se alargou, porque eu tinha os meus amigos e todos fomos vestidos por esta coisa nova, e, portanto, tudo no nosso tempo, no nosso dia, no estudo, naquilo que fazíamos, tudo era determinado pela experiência que nascia cada dia, que se renovava cada dia seguindo aquilo que acontecia naquele homem, vendo o que acontecia em nós, em cada um de nós. (...)

Desde aquele dia esta começou a ser a maior companhia da minha vida, ou seja, amigos com quem correr junto por aquilo que investiu a nossa vida e que cada dia, dia após dia, nos pede, nos provoca, nos pergunta, para ser mais conhecido. E é neste responder que se descobre o que é o cêntuplo. (...) O cêntuplo é precisamente a experiência de que não é verdade que é preciso se acostumar, que o desejo pode crescer sempre mais, que quanto mais se encontra a satisfação da

vida, tanto mais o desejo não se esgota, mas cresce. Quando chegamos ao cêntuplo? Não se chega ao cêntuplo, o cêntuplo não é uma meta. De fato, o cêntuplo não é o cem, mas o cêntuplo, ou seja, é um fator de multiplicação, é sempre mais. (...)

Por isso, a vida que encontramos é uma promessa. Nós não a vemos já cumprida, não a vemos já realizada, exatamente porque é uma promessa que se cumpre no tempo. E é nisso mesmo que está o gosto de viver, porque é uma promessa que devo ainda descobrir, senão já estaria tudo acabado. (...) É verdade que tantas coisas podem se compreender imediatamente, mas muitas vezes não é assim; então isso se torna para nós uma contradição, e parece-nos perder o gosto. Mas a semente que colocam na nossa vida tem um desenvolvimento que podemos não ver de imediato, porque quando a semente é posta na terra, há um período em que cresce e não se vê, só a vê quando começa a dar os frutos. Mas todo o problema da semente é permanecer agarrada a terra e que não seja arrancada. Se há algo que nos bloqueia é que não entendemos a dificuldade. Não é que você não entenda que lhe é pedido algo, você entende, mas não aceita a fadiga que isso comporta. Para aceitar a fadiga é preciso ter as razões e é preciso permanecer agarrados às razões verdadeiras. (...) Perguntar-se pessoalmente as razões é a primeira companhia que nós temos, não é necessariamente um outro que deve lhe dar as razões. E de fato, é justamente porque não nos perguntamos sempre o motivo de fazermos as coisas que nos sentimos tão sós ao vivê-las. O desafio do cêntuplo é que aquilo que nós esperamos é mais do que aquilo que fazemos. Esta é a aposta: há um “a mais” do que a imagem que temos. E então uma pessoa percebe como vertigem o fato que dentro da realidade há uma presença que me faz esta promessa, da qual eu encontro o sinal no desejo que tenho e que não pode ser esmagado.

Há um ano, mais ou menos nesta época, descobri que tinha uma doença muito grave. Agora estou bem, devo só fazer controles periódicos. Mas no período em que ainda não era claro o que tinha e o que me esperava, comecei a me dar conta muito dramaticamente da pergunta sobre o que me era pedido, visto que tinha e tenho tantas responsabilidades na vida: sou casado, tenho quatro filhos pequenos – um já tem quase a idade de vocês – para cuidar e educar; tenho um trabalho no qual me é pedido muito, guio um grupo de pesquisa de quinze pessoas; e depois há as responsabilidades no Movimento, que aumentaram desde que o padre Carrón me pediu para ajudá-lo na condução do Movimento.

Diante de tudo isso me perguntava: o que me é verdadeiramente pedido? Dei-me conta de que, no início, isso que estava acontecendo comigo, a doença, era para mim como um acidente porque pensava que a minha verdadeira tarefa fosse todas as outras coisas que fazia na minha vida e aquele imprevisto não era necessário. Descobri o que me é verdadeiramente pedido exatamente graças ao fato de não ter sido descoberto de imediato o que tinha. Porque muitas vezes nós falamos da esperança na vida quando as coisas já estão resolvidas. Porém, o que significa que existe uma esperança na vida quando as coisas não são claras, quando estamos ainda dentro dos problemas, quando estamos no meio da dificuldade? Senão falamos do cêntuplo dizendo coisas abstratas, pensando que as coisas vão bem só quando os problemas da vida estão resolvidos. Mas é possível experimentar o cêntuplo, viver a esperança quando se está em dificuldade? Esta era a pergunta que tinha.

Naqueles momentos entendi que devia começar a ver finalmente aquilo que se tem sempre tanta dificuldade em ver, e comecei a vê-lo graças a toda a história da minha vida, destes anos, graças à certeza que dia após dia continuou a crescer em mim dentro desta amizade, a amizade da Igreja. Comecei a entender que aquilo que me era pedido é “vocação”, isto é, que a vocação não é a forma que você deve dar à sua vida para dedicá-la a Deus ou a você mesmo, a vocação é responder à relação pessoal que alguém pede à sua vida, àquela preferência que é dada a você, porque aquela circunstância era dada a mim, só a mim, justamente a mim para reconhecê-Lo na minha vida. Não podia continuar vivendo todas as outras coisas sem levar a sério até o fundo aquele fato que estava acontecendo comigo.

Assim, comecei a entender que o cêntuplo não é cem vezes aquilo que nós desejamos, é outra coisa, é outra medida. A nós não é prometido que se realize aquilo que temos na cabeça, mas muito mais, cem vezes mais. É-nos prometido algo segundo uma medida que nós não temos. E então, começa-se a entender para que serve o sacrifício, o que é o sacrifício. A nós é prometido o cumprimento do desejo do nosso coração se não deixarmos de ficar agarrados àquela presença amada que entrou na nossa vida, porque o cêntuplo começa dentro daquilo que já lhe é pedido para

fazer, não é que deva se imaginar sabe-se lá que coisa. E de fato naquele período voltou-me à mente mais vezes e fez-me companhia aquilo que dizia sempre Dom Giussani: as circunstâncias inevitáveis – ou seja aquelas em que não pode escolher o que fazer: pode fazer de conta que não há nada, mas o destino está assinalado – são as mais simples, mesmo se não são as desejáveis, aquelas que vão como eu quero; certo, eu teria preferido estar bem, para poder pôr todas as minhas energias em todas as tarefas grandes, importantes que tenho na minha vida, mas a um certo ponto um Outro escolheu para mim uma coisa diferente: “A você é pedido isso agora, porque sou Eu que quero a sua vida, não é você que a comanda”. E me voltava à mente que até Jesus decidiu aceitar essa relação como a definição do cumprimento da sua tarefa, daquilo pelo que tinha sido enviado: a relação com o Pai. (...)

No ano passado meditei muito sobre o episódio do Getsêmani que também retomamos ontem. Releio aquilo que lemos no Evangelho de Mateus. Quando está sozinho rezando, a um certo momento, Jesus diz: “O Espírito está pronto, mas a carne é frágil”. E de novo, afastando-se, rezava dizendo: ‘Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita a tua vontade’ [prestem atenção em como continua o relato]. E voltando de novo viu que os discípulos dormiam, porque tinham os olhos pesados. Deixando-os, afastou-se de novo e rezou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Depois aproximou-se dos discípulos e disse-lhes: ‘Durmam agora e repousem!’”. Está em paz. Enquanto vivia os meses da doença, percebi em mim o tormento de Jesus que chega junto dos seus discípulos, encontra-os dormindo e diz: “Mas por quê? Logo vocês que são meus amigos!”. Sentia-se só. A grande tragédia da vida é esta solidão, que é o não sentir mais o significado do gesto que se cumpre, daquilo que se vive, a relação que tem com o todo, com o infinito, ou seja pensar que aquilo que se faz seja inútil. Jesus precisa dos seus amigos, Ele que não tinha nunca precisado – eram os outros que precisavam d’Ele, Jesus nunca precisava de outros que lhe explicassem as coisas, que lhe dissessem alguma coisa, que o fizessem ver, que lhe resolvessem os problemas – precisava não estar só, mas “os seus olhos estavam pesados”.

Isso me feriu porque, dizendo isso, o evangelista sublinha uma coisa que não tinha nunca pensado antes de passar por aquela circunstância: estava quase além da vontade deles ter adormecido, porque os olhos deles estavam pesados, como se o próprio Pai tivesse permitido isso de modo que Jesus não encontrasse uma via de fuga nem sequer nesta última possibilidade e descobrisse que a única verdadeira vitória sobre a solidão era afirmar a relação com o Pai, o abandono ao Pai que porém naquele momento sentia tão distante. Eu me dei conta que estava vivendo essa mesma experiência. Diante disso, comecei a enfrentar tudo o que me esperava, portanto também as dificuldades que tive de suportar. Por isso entendo que a circunstância inevitável é a mais simples, porque nós vemos claramente o que nos é pedido. Pedem-nos para obedecer, mas o que quer dizer obedecer? Nós temos mesmo um modo moralista de sentir as coisas e não sabemos o que é a obediência.

Obedecer é, em primeiro lugar, uma disponibilidade, é uma disponibilidade ao Mistério que me quer agora: ficar naquilo que lhe é dado para afirmar o significado da vida. A vida tem um significado e eu devo descobri-lo. E o único modo que tenho para descobri-lo é entrar sempre mais naquilo que me é dado. Por isso, são-me dados amigos, companheiros de caminho. O Mistério não nos deixou sozinhos. Vocês estão aqui, nós estamos aqui juntos porque isso continua a acontecer hoje.

Para pedir que este significado se revele sempre mais, mesmo que se talvez num certo momento não o veja claramente (...), você deve permanecer agarrado, ficar agarrado à fonte da vida que viu, que viu lhe mudar naquele momento, que sentiu tão potente como desafio à sua vida. E, então, entende que o cêntuplo é um gosto diferente, não são mais coisas que faz ou que tem, mas é um gosto diferente no viver as coisas normais, que de outro modo seriam só um peso; entende que está fazendo uma coisa que tem a ver com o destino do mundo e com o seu destino antes de tudo, com aquilo para o qual foi escolhido. Mas você pode fazer as mesmas coisas sem ficar agarrado, deixando de desejar coisas grandes. Este é o jogo, rapazes: não deixem nunca de desejar coisas grandes! A vida adquire gosto numa disponibilidade.